

REVISTA ANTI-HORÁRIO

The background of the entire page is a photograph of two people, seen from behind, looking at a large digital display. The display shows a complex, colorful pattern of concentric circles and lines in shades of blue, green, yellow, and red. The overall lighting is dark, with the display being the primary light source.

SOLUÇÕES TECNOLÓGICAS

Exposição interativa encanta milhares de adolescentes e estimula o aprendizado na cidade de Campina Grande

EXPEDIENTE

Revista Anti-horário
Ano III
Número 6
NOVEMBRO 2025

Professor orientador
Antonio Simões

Editora
Ana Luz Rodrigues

Subeditora
Laura Paiva

Foto da capa
Bianca Menezes

01 Antonio Simões
Carta ao leitor

02 Igor Guedes
Crônica

03 Pietra Santos
Entrevista

04 Bianca Menezes
Reportagem/Fotografia

05 Jorge Arthur
Fotografia

06 Laura Paiva
Reportagem

07 Ana Luz Rodrigues
Diagramação/Reportagem/
Fotografia

08 Maria Eduarda Ferreira
Reportagem

Concepção editorial:

PROJETO

ANTI HORÁRIO

Curso de Jornalismo da UEPB

01



02



04



05



03



06



08



07



09



10

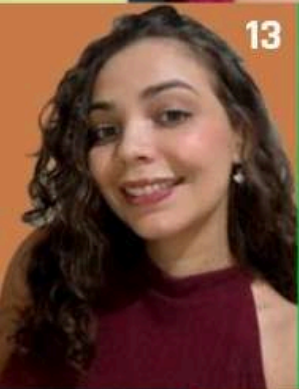




11



12



13



14



15



17



16



18



19



09 **Kássia Queiroz**
Reportagem

10 **Matheus Gla**
Poesia

11 **Beatriz Alves**
Reportagem

12 **Maria Clara Tavares**
Reportagem

13 **Renata Carvalho**
Reportagem/Fotografia

14 **Samara Vicente**
Reportagem

15 **Walter Araujo**
Reportagem

16 **João Paulo de Castro**
Reportagem/Fotografia

17 **Geyferson Guilherme**
Reportagem/Fotografia

18 **Emylle Costa**
Reportagem

19 **Vitória Santana**
Reportagem



ROBÓTICA MELHORANDO O APRENDIZADO

REPÓRTER: WALTER RIBEIRO

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) incluiu, desde 2017, o pensamento computacional como competência obrigatória em todas as etapas da educação básica. O documento prevê que crianças e adolescentes do Ensino Fundamental e Médio desenvolvam habilidades como resolução de problemas, raciocínio lógico e cultura digital.

Adriano Ribeiro, professor licenciado em Computação, explica que a BNCC propõe diversificar o ensino e incluir a robótica como ferramenta real de aprendizagem. Segundo

ele, “o ensino de robótica surge como uma inovação no currículo, não apenas como chamariz educacional, mas como instrumento para desenvolver resolução de problemas, trabalho em equipe, pensamento computacional e outras habilidades tecnológicas e socioemocionais.”

Porém, Segundo levantamento realizado em 2021 e publicado em 2022 pelo [Instituto Locomotiva](#) com a firma de consultoria PwC, 85% das escolas públicas brasileiras ainda não oferecem nenhuma atividade de robótica

AULA DE ROBÓTICA
FOTO: JORGE ARTHUR





ALUNOS DA ESCOLA FÉLIX ARAÚJO - CAMPINA GRANDE
FOTO: JORGE ARTHUR

ou programação, enquanto na rede privada essa realidade já alcança quase um terço dos colégios. Portanto, ampliar esse acesso em escolas públicas é essencial para diminuir as desigualdades educacionais e preparar estudantes para um mercado de trabalho cada vez mais digitalizado.

“Vivemos num mundo em que informação é abundante. O diferencial não é acessar, mas saber o que fazer com ela. A robótica coloca a criança nesse caminho, ensina estratégia, tolerância e tomada de decisão. Não é luxo. É essencial.” A afirmação é do professor João Ademar, pedagogo e licenciado em Computação. Ele ensina na escola municipal Félix Araújo, em Campina Grande, e foi o responsável por propor a criação de um espaço maker voltado à criatividade e à aprendizagem prática.

Dessa forma, a robótica educacional passou a integrar o cotidiano da Escola Félix Araújo aos sábados, como parte de um movimento maior da rede municipal de Campina Grande para incorporar tecnologia ao ensino. A ideia surgiu de um pedido da gestão escolar, que buscava algo inovador para além das aulas convencionais.

Interdisciplinaridade em prática

A proposta da Educo.Work na Escola Félix Araújo vai além da tecnologia. O projeto busca integrar a robótica a outras áreas do conhecimento, criando experiências de aprendizado que dialoguem com os conteúdos trabalhados em sala. Em uma das atividades acompanhadas pela equipe de reportagem, os alunos participaram de uma aula que relacionava a montagem de kits com o debate sobre meio ambiente e a leitura do livro *A Mancha*, obra que trata do vazamento de petróleo que atingiu ecossistemas marinhos e terrestres no Brasil.

A iniciativa foi conduzida em parceria com a professora Daiane Silva Barbosa, que leciona na escola há três anos. Para ela, o diferencial está em transformar a robótica em ferramenta de contextualização. “Além dos alunos aprenderem, eles desenvolvem a imaginação, resolvem problemas do dia a dia e trabalham conteúdos de diferentes disciplinas. Na geografia, por exemplo, identificamos a localização do petróleo; na ciência, discutimos a mistura de compostos que levou ao desastre.



É algo muito importante para o desenvolvimento da criança como cidadão”, explicou.

Segundo a professora, a interdisciplinaridade amplia horizontes e conecta saberes. “Esse projeto agrega sustentabilidade, ciência, cultura e tecnologia. Daqui podem surgir várias profissões, porque abre a imaginação dos alunos. É algo imensurável o que ele faz por essas crianças”, explica.

A atividade, realizada em um sábado letivo, reforçou também a importância de despertar a consciência ambiental desde cedo. Para Daiane, a robótica ajuda a traduzir questões complexas em experiências concretas. “É fundamental que eles entendam que suas ações podem prejudicar ou proteger o meio ambiente. A aula mostrou que sempre temos formas de cuidar da fauna e da flora, e que a tecnologia pode estar a serviço disso”, assegurou a professora.

Limitações e reconhecimento

Apesar dos resultados, manter o projeto

ativo ainda é um desafio. Os custos com kits, softwares e manutenção permanecem como obstáculos. O professor João explica que, embora receba doações de placas e programas, nem sempre há equipamentos compatíveis para utilizá-los. “Já tive licenças de softwares que só rodam em Windows, mas nossos computadores não suportam”, comentou. A limitação de máquinas também restringe o alcance das atividades, já que nem todos os grupos conseguem praticar simultaneamente.

Segundo Leon Levi, da empresa parceira do projeto Educo.Work, o objetivo é tornar a robótica mais acessível. “Nosso propósito sempre foi democratizar o acesso. Cada peça ou dispositivo custa apenas dezoito reais, o que permite às escolas montarem laboratórios de acordo com seu orçamento”, explica. A marca também oferece cursos de capacitação para professores, incentivando que o conhecimento se multiplique dentro da rede pública.

Essas soluções reduzem custos e ampliam possibilidades, mas ainda não substituem políticas públicas permanentes. Para João, é

preciso constância e estrutura. “O apoio aparece na hora do prêmio ou do destaque, mas falta no dia a dia. O que falta é infraestrutura. Meu sonho seria ter uma sala maker equipada, com kits completos e impressoras 3D.”

A diretora da escola, Silvana Mércia, lembra que: “Aqui na Escola Municipal Félix Araújo nós já dispomos desse material (de computação e robótica), temos aula de pensamento computacional e cultura digital, que já fazem parte do currículo. Além disso, a escola conta com internet em todas as salas por meio do programa Educação Conectada, do Governo Federal. Para a gente, tecnologia não é artigo de luxo, é necessidade”, afirma

O projeto se mantém também pelo engajamento de toda a escola. Thábata Menezes, mãe do aluno Théo de 9 anos, reconhece o esforço: “Sou muito grata ao professor João. Ele doa o sábado, que seria de descanso, para as crianças. A direção abre a escola, e até as merendeiras estão presentes para servir o lanche. Isso mostra compromisso.”

Esse envolvimento fortalece a confiança dos alunos, que veem a robótica não como obrigação, mas como oportunidade. “É gratificante ver que eles querem estar aqui mesmo fora do horário escolar. Isso mostra que a robótica se conecta com a vida deles, não só com as aulas”, afirma João.

Nessa perspectiva, o papel da família é decisivo. A BNCC destaca que hábitos tecnológicos e digitais precisam ser incentivados também em casa, em parceria com a escola. Para Tábata, esse é um aprendizado de longo prazo. “No futuro, eles já vão estar habituados ao ambiente digital, e isso pode fazer diferença na vida profissional e pessoal.”

A experiência da escola Félix Araújo mostra que a robótica educacional é mais do que montar robôs: é um esforço coletivo que envolve professores, famílias, empresas e gestores. O resultado é a formação de alunos mais preparados para aprender, criar e enfrentar os desafios de um mundo cada vez mais tecnológico.



ALUNAS EXPLORANDO O ENSINO ROBÓTICO DURANTE ATIVIDADE INTERDISCIPLINAR
FOTO: JORGE ARTHUR

DIÁRIO DE BORDO

O sábado começou com um clima leve na Escola Municipal Félix Araújo. Logo cedo, o portão já estava aberto, e a movimentação das crianças revelava a expectativa pelo encontro do Clubinho de Robótica. As mesas estavam organizadas, os kits separados e o professor João já circulava pelo espaço, ajustando os detalhes finais. A escola, no bairro Catolé, parecia diferente naquele dia, como se o fim de semana também tivesse virado dia de aula.

Durante a manhã, acompanhamos as atividades do projeto e as interações entre os alunos. As crianças mostravam entusiasmo em cada montagem, experimentando e se desafiando. A presença da professora Daiane trouxe um toque interdisciplinar às discussões, unindo robótica, geografia e ciências em uma aula sobre meio ambiente. As falas e os gestos dos alunos mostravam o quanto a prática despertava interesse genuíno pela descoberta.

Entre entrevistas e registros, foi possível observar o envolvimento das famílias. A

mãe de um dos alunos, Thábata, preparou um café da manhã simbólico, compartilhado por todos, um gesto simples, mas cheio de significado. O ambiente escolar se transformou em um espaço de convivência e aprendizado coletivo, reforçando a ideia de que a robótica, ali, é mais do que tecnologia: é comunidade.

Tudo seguiu conforme o planejado. Todas as entrevistas fluíram naturalmente, desde as conversas com o professor João até as participações da professora Daiane e da mãe do aluno Théo. A atmosfera era colaborativa, e a sensação de pertencimento se estendeu a todos que estavam presentes.

Por fim, deixo registrado meu agradecimento às pessoas que contribuíram na produção desta reportagem — Renata Carvalho, Jorge Arthur e Débora Carvalho — pelo apoio e pela dedicação durante todo o processo.

-WALTER RIBEIRO



Veja as crianças e professores explicando sobre o projeto e a prática que é realizada durante os encontros.